

A indústria pensa o ensino

PAULO ERNESTO TOLLE

Não há país mais rico. Dinheiro para instalar quantas escolas seja preciso. Escolas equipadas com todos os recursos que a técnica mais avançada torne disponíveis. Bibliotecas por toda parte. Professores selecionados, portadores de diplomas de pós-graduação. Todo o necessário para assegurar o melhor ensino do mundo — naqueles **United States of America**.

E, contudo,

...evasão escolar de 850.000 alunos a cada ano. Eles vão engrossar as fileiras de uma quase invisível subclasse de 23 milhões de americanos...

...em cada cinco americanos, um é capaz de responder a um anúncio de oferta de emprego; não sabe ler as instruções de uma bula de remédio; não consegue preencher um cheque, fazer troco...

...por causa desse **analfabetismo fun-**

cional, foi de seis bilhões de dólares, só em 1979, o custo de programas assistenciais e de salário-desemprego. A nação despense 6,6 bilhões de dólares anuais para manter 750.000 analfabetos na cadeia...

...atrofia-se a capacidade de ler e de escrever. As escolas estão graduando uma geração de americanos que é científica e tecnologicamente analfabeta...

A nação está em risco. Os alicerces educacionais de nossa sociedade estão... sendo abalados pela erosão de uma crescente onda de mediocridade".

("Schools on the Line", Educational Report card, Editorial Research Report, Congressional Quarterly Inc., Washington, DC., 1985. Inclui trechos de vários estudos, notadamente o da National Commission on Excellence in Education — A Nation at Risk: The Imperative for Educational Reform, de abril de 1983).

Não serve a mazela alheia de consolo. Valerá como advertência aos que, em

país de abundantes carências, sonham com a universalização do ensino gratuito? Afastará a ilusão de que a doença da deseducação possa encontrar cura pelo simples fato de a Constituição nova dizer que "o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo, acionável, contra o Estado, mediante mandato de injunção?"

Fora de dúvida que educar é dever do Estado, dever que os educadores gostariam de vê-lo empenhar-se em cumprir. A experiência mostra, entretanto, que o Estado falha como educador e, se não cabe, agora, tentativa de diagnóstico das mazelas do ensino, cabe reconhecer que uma das causas é, indiscutivelmente, a insuficiência de meios para a educação de primeiro grau.

Reconhecida a relevância da tarefa educativa — tarefa que é de sobrevivência e de conservação da identidade nacional — e reconhecidas a insuficiência dos recursos que o governo empenha para executá-la e a ineficiência com que age neste campo — o

caminho sensato não será engrossar o texto constitucional com prolixas afirmações de direitos; nem será o de apenas denunciar essa enfermidade do Estado; é preciso, isto sim, ajudar a pensar o mal e pensar na cura.

Naqueles mais desenvolvidos Estados Unidos, "...empresas já entram em campo, para preencher lacunas educacionais de seus empregados... Gastam, em todo o país, mais de 10 bilhões de dólares para dar qualificação básica a empregados que cometem erros ruidosos na leitura, na escrita, nas quatro operações... 75% dos desempregados são incapazes de readaptação a empregos de alta tecnologia, por completa falta de conhecimentos básicos..." ("Schools on the Line", cit.)

Entre nós, também, as empresas se ressentem, e muito mais fortemente, das falhas da escola **reprovada** no ensino do menor que busca profissionalizar-se; escola que mal capacita os poucos que concluem seus cursos para se alojarem na complexa socie-

dade industrial em que vivemos.

Diante desse quadro negativo que afeta a Nação, tem a indústria procurado educar. E não com vista curta, tendo em mira simples adestramento para o exercício de funções de seu interesse imediato, mas arejadamente, pretendendo o preparo do cidadão/trabalhador, do homem capaz do bom desempenho de tarefa industrial socialmente benéfica e cômico de direitos e deveres para com a sociedade. Por isso mesmo, o ensino típico propiciado pela indústria — que é o ensino dado em escolas Senai — não se limita a desenvolver habilidades práticas e é sempre direcionado ao objetivo de educar nos campos fundamentais do conhecimento e de conduzir seus alunos à compreensão das mudanças tecnológicas e sociais, ao mesmo tempo dando-lhes base para prosseguimento de estudos regulares e para aperfeiçoamento em níveis mais elevados.

Cresce na indústria a consciência de

que deve crescentemente investir em educação. O Senai é o principal instrumento de educação de que ela se vale. Mas, além de exercer a administração superior do Senai e sustentá-lo, a indústria faz mais: concede técnicos para colaborar no preparo de novos currículos e na condução de programas de treinamento; participa do planejamento de novas tecnologia educacionais.

Dessa forma, a indústria, mantendo no Senai o padrão de ensino, vem atuando em prol da educação. Tornando mais espessas as fileiras dos que têm acesso à boa escola, o empresariado industrial aumenta o clamor das vozes que pedem do poder público atenção maior para a educação e contribui para que um povo mais educado apresse a transformação do Brasil no país que desejamos.

O autor é professor e diretor regional do Senai-SP